

ECUADOR DE HENRI MICHAUX. **FAZER A VIAGEM É QUE É A VIAGEM***

Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova**

Resumo: *Uma viagem que pode não ter acontecido, mas que merece o nome de viagem. Uma desconstrução do paradigma desse gênero. Relato que plasma a configuração de um eu imaginário à procura de um ultrapassamento e de estar em dehors de soi-même.*

*je n'ai écrit que ce peu qui précède et déjà je tue ce voyage.
Je le croyais si grand. Non, il fera des pages, c'est tout.*

Henri Michaux

Um diário de viagem? De Paris aos Andes, passando pela Amazônia, voltando à França, esse diarista se aventura através do mar, dos rios e das matas num movimento de expatriação que parece ser bem mais que simplesmente uma viagem. Travessias de navio, de barco e do sujeito e sua linguagem.

Diário íntimo, sem a subjetividade romântica, esse sujeito imprime em seu relato, um desejo de ultrapassar-se, superando fantasmas, buscando aparições e aventuras que o retirem da inércia petrificante. Segundo nos diz Pandolfo (1997:61), Michaux teria sido impulsionado pela necessidade íntima “*d'être ailleurs*” e pela amizade com o poeta equatoriano Gongotena (“habitado pelo gênio e pela desgraça”), Michaux viaja, durante o ano de 1927, pela terra natal do amigo e pela bacia amazônica, enquanto redige, passo a passo, *Ecuador*.

Caberia mesmo especular sobre um conceito problemático em teoria da literatura, qual seja o de autobiografia que, à primeira vista, se encontra nesse texto de Michaux. Como modalidade literária, uma narrativa de vida feita pelo próprio autor que considera verdade o que relata. Uma experiência vivencial que ele nos dá a conhecer. Mas um outro conceito aqui se pode indicar, e que tem aparecido em análises de autores variados e que parece

* Recebido para publicação em agosto de 2006.

** Professora da Faculdade de Letras/UFMG.

convir com eficácia ao relato de *Ecuador*. A autoficção. Conceito esse que parece superar o de autobiografia, por estar mais ligado ao instante subjetivo e não ligado ao conceito de verdade, como o primeiro.

Esse pequeno ensaio tentará mostrar somente alguns aspectos dessa viagem descentrada no tempo e no espaço etno e fonocêntrico da narrativa. Uma viagem dentro e fora do sujeito narrador/autor. Aventura que acontece no encontro inesperado do diverso — a aventura na América do Sul, estranha, diferente, insólita, o fora que aponta os caminhos da interioridade, e as metáforas que apontam para as sombras do dentro. Assim aparece o anti-calendário, que tende a confundir o tempo de *Cronos* com as inflexões da subjetividade do narrador da viagem, presente e passado na narrativa que perde sua pregnância histórica. O tempo no navio segue um ritmo da experiência. E o narrador altera assim o estatuto da dimensão do tempo. A cartografia de Michaux tem outra temporalidade, ou seja, a do “*calendrier secret de moi-même*”. Entre as linhas da narrativa as datas e as horas como nos diz Jean-Pierre Martin (1994:333):

“La scansion de ce temps insaisissable qui évide le journal de la traversée marine s’insinue ensuite dans le temps du parcours terrestre que la datation y soit vague ou ironiquement précise”.

Cabe ressaltar o descentramento do tempo nessa narrativa que se mistura ao poema que tem outra temporalidade. Digo isso para mostrar também as diversas modalidades que a narrativa apresenta. Em meio ao relato o narrador nos faz ler um poema sobre o vento na Amazônia. O poema tem um outro tempo e um outro espaço, fora da narrativa.

L’Amazone n’est pas comme le Napo,
Le Napo nage lentement vers l’Amazone,
Lentement
Rentré,
Accablé
L’Amazone n’est pas comme le Napo,
Il lui court dessus en vent indubitable,
Oh!le vent!

Je suis d'un pays de vent,
 Dans mon pays le plus pauvre a du vent
 L'air n'est jamais recueilli, il pouffe, c'est du vent
 Nous en avons toujours beaucoup, et nous en avons
 besoin, du vent, du vent, du vent

.....
 Je ne me croyais pas tellement attaché à mon pays,
 Mais ce vent...

Le vent... (MICHAX, 1929: 168)

O cotidiano prosaico é interrompido pelo poema. Tempo e espaço atravessam o narrador desse diário de bordo. Em rápidas pinceladas, as imagens aparecem ao leitor. Conhecer e conhecer-se parece ser a viagem mais importante, a que sempre o ocupou. Em 1927, Quito; em 1929, Turquia, Itália, África do Norte; 1930, Ásia; 1932, Lisboa; 1935, Buenos Aires e Montevidéu; 1939, Brasil (Minas e Rio de Janeiro) entre outras grandes viagens que empreendeu. Viagens que se revestem de uma escritura para si, espécie de auto-confidência, procura de si. “*Apparemment peu soucieux de décrire ni de faire une oeuvre, il feint la naïveté, il jette sur ce qui survient le regard étonné du novice*” (MAULPOIX, 1990:59)

O que diz ao leitor em seu prefácio parece corroborar essa idéia:

“Un homme qui ne sait ni voyager ni tenir un journal a composé ce journal de voyage. Mais, au moment de signer, tout à coup pris de peur, il se jette la première pierre. Voilà.” (MICHAX, 1929: 9)

Por mais intrigante que seja esse prefácio, Michaux parece nos indicar uma certa perturbação no tempo vivido e na ação de descolar-se de sua própria narrativa. A escritura do dia a dia da viagem parece pouco interessar ao viajante. A escritura faz um curto-circuito, obedecendo ao processo de errância desse sujeito cindido.

A viagem empreendida parece mesmo descentrar o conceito de viagem como fonte e inspiração para o conhecimento de novas terras e novas gentes. A aventura nos trópicos mostra ao autor, como também mostraria a Claude

Levi-Strauss, a tristeza. Não pela natureza em si, não pela cultura de seus habitantes, mas pelo modo perverso como foi instalada a colonização, pelo olhar de um viajante que deseja se liberar do olho etnocêntrico.

Ao olhar a Cordilheira dos Andes, o deslumbramento, e as variadas sensações acontecidas lembrando os Alpes. Mas mesmo assim: "*Aucune contrée ne me plaît: Voilà le voyageur que je suis*". (MICHAX, 1929: 41)

Viajante que não se compraz com a beleza dos lugares por onde passa, Michaux tenta aproximar-se deles, tocá-los e no íntimo contagiar-se, disseminar no corpo, o corpo da paisagem e suas gentes. A viagem é um acontecimento. Mas em Michaux, não se coincide sujeito e acontecimento. Daí a abolição do tempo, a que nos referimos anteriormente.

A água, as notações geográficas, a atenção ao cotidiano tropical estão em segundo plano. Nessa viagem, ainda lembrando Jean-Pierre Martin: "*mettre l'ethnographie au second plan*" é característica desse eu que viaja desafortunadamente, e insatisfeito todo o tempo.

"D'étroits et nombreux passages de un à deux kilomètres de largeur, voilà tout. Mais où est donc l'Amazone? se demande-t-on, et jamais on n'en voit davantage. Il faut monter. Il faut l'avion, je n'ai donc pas vu l'Amazone, je n'en parlerai donc pas." (MICHAX, 1929:169)

Em *Ecuador*, Michaux conta-nos uma doença por que passou durante a viagem. O sujeito doente pensa sobre a desagregação de seu corpo físico e moral e ao mesmo tempo o do estrangeiro: "*dans les infinis trous infects qui forment le plancher de la forêt*". (MICHAX, 1929:146)

Em Rocafuerte, fronteira do Peru e Equador, saturado de quinino, calor, enjôos devido ao balanço da canoa, o narrador se queixa do paludismo, das febres, mas mesmo assim continua a viagem... "*La tête caverneuse, le coeur collant et l'estomac, les poumons plats*". (MICHAX, 1929:147)

O autor viajante a ele próprio se refere como um coração frágil que se coloca entre as emoções e a doença (provas do corpo):

"De plus, l'auteur a les pieds et la jambe gauche qui commencent à prendre un vilain aspect de décomposé. Sa dose de cafeaspirine est déjà de six comprimés par

jour, il souffre et marche difficilement. C'est une maladie du pays, plus il se soigne, ça empire..." (MICHAX, 1929:147)

Outro aspecto a ser observado nesse relato de viagem é o deslocamento. Nessa viagem-invenção, o narrador, no ir e vir do percurso, faz coincidir o dentro e o fora. Ecuador é um país subjetivo. Não é um país imaginário, mas como Guattari nos lembra em *Caosmose*, uma viagem virtual. O desafio do autor parece ser o que consistiria em livrar-se das brumas, das sombras, do dentro.

Por outro lado, a errância, a viagem, o exílio, o fora. Como se livrar das faltas, retornar ao seio de seu país? E o espaço sem lugar dessa viagem aos trópicos?

Ilustrando a dispersão do sujeito, esse autor, esquivo por excelência, pois admite ter uma voz de pedagogo para mascarar seu embaraço, e sempre se dizendo outro, cindido e nômade, faz dessa viagem uma experiência-limite.

"Uma viagem no espaço simboliza a passagem do tempo, o deslocamento físico o faz para a mudança interior; tudo é viagem, trata-se de um tudo sem identidade", dirá TODOROV (1991: 95). Assim o autor acaba por matar a viagem, como ele próprio nos lembra: "*je n 'ai écrit que ce peu qui précède et déjà je tue ce voyage. Je le croyais si grand. Non, il fera des pages, c'est tout*". (MICHAX, 1929:11)

Mata a viagem e mata seu narrador, para assumir a voz do pedagogo, como vemos no prefácio a algumas lembranças.

"Voyant une grosse année réduite à si peu de pages, l'auteur est ému. Sûrement, il s'est passé encore bien d'autres choses. Le voilà qui cherche. Mais il ne rencontre que brouillards. Alors, pour masquer son embarras, il prend une voix de pédagogue". (MICHAX, 1929:173)

Texto autobiográfico ou de autoficção? Qual o limite entre essas categorias do eu? Michaux parece desconstruir esse modelos da literatura para que esse relato de viagem passe a ser um relato de uma viagem do eu e seu mal-estar, ou seja, sua falta de ser, suas fendas e suas fissuras. Pondo em

cheque uma literatura de viagem que coloca o sujeito em plenitude, Michaux mostra ao leitor a falta de ser e a inexprimível falta:

Il souffle un vent terrible.
 Ce n'est qu' un petit trou dans ma poitrine
 Mais il y souffle un vent terrible
 Petit village de Quito, tu n'es pas pour moi
 J'ai besoin de haine et d'envie, c'est ma santé,
 Une grande ville, qu'il me faut,
 Une grande consommation d'envie." (MICHAUX, 1929: 96)

Será preciso uma grande cidade para poder abrigar o poeta em perda.

Porque o vazio e o silêncio o torturam e não há remédio para isso. A náusea da doença se transforma em náusea do viver.

"Quand un homme se met à employer un peu partout les mots nauséabonds, ça me dégoûte... fétide, mauvais signe. S'il est romancier et qu'il se mette un jour à faire vomir ses différents personnages sans aucun antécédent marque de leur part, idem". (MICHAUX, 1929: 99)

Nessas notas sobre uma das viagens de Michaux, em *Ecuador* vemos como esse autor aponta para outras direções com relação às escritas do eu e de viagem. Deixando cair a máscara do eu autobiográfico, nessa autoficção, nessa cisão e nessa perplexidade diante da falta, esse autor parece dizer que a literatura é lugar de fracassos e que a realidade é insustentável. Além disso, sua ficção biográfica divide com o leitor um jogo fascinante, onde a proposta é a de demanda de afeto, além de proporcionar uma viagem que se diz da leitura.

Résumé: *Un voyage qui peut n'avoir pas existé, mais qui mérite le nom de voyage par son caractère de desconstruction d'une littérature de ce genre récit de voyage qui montre une autre configuration d'un sujet imaginaire à la recherche d'être en dehors de soi-même.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GUATTARI, F. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

MARTIN, J. P. *Henri Michaux: Ecritures de soi*. Paris; Jose Corti, 1994.

MAULPOIX, J. M. H. *Michaux, passager clandestin*. Seyssel: Editions du Champ Vallon, 1990.

MICHAUX, H. *Ecuador*. Paris: Gallimard, 1929.

PANDOLFO, M. C. Henri Michaux ou a consciência da exclusão. *Modernidade e exclusão*. Rio de Janeiro: Centro de Artes e Letras/UFRJ, 1997.

TODOROV, S. Le voyage et son récit. *Les morales de l'Histoire*. Paris: Grasset, 1991.